

50 ANOS DO GOLPE | Atividades envolveram ato público, inauguração do busto de Rubens Paiva e lançamento de livro

Eventos lembram resistência ao regime

Ao inaugurar ontem o busto do ex-deputado Rubens Paiva, o presidente Henrique Eduardo Alves ressaltou a importância desse ato para lembrar os que foram cassados, torturados e mortos pela ditadura. “Estamos honrando suas histórias, suas ideias e suas famílias”, disse, durante a cerimônia.

Para ele, é importante que os jovens conheçam o passado recente da nossa história. Henrique Alves lembrou que o próprio pai, Aluizio Alves, foi cassado pelo regime. “Ele defendeu com vigor os ideais da democracia, mas todo esse processo deixou marcas. Eu sei o que nós sofremos. Que fique como lição do orgulho do trabalho que ele desenvolveu.”

O deputado Paulo Teixeira (PT-SP) destacou que é preciso lembrar sempre o passado para que a ditadura seja banida do País. A filha de Rubens Paiva, Maria Beatriz Paiva,



Henrique Eduardo Alves e os líderes do PT, Vicentinho, e do PCdoB, Jandira Feghali

afirmou que a família ainda espera ouvir um pedido de perdão pela injustiça cometida contra seu pai e tantos outros naquele período.

Ato público - Em ato público que

reuniu artistas, a presidente da Comissão de Cultura, deputada Alice Portugal (PCdoB-BA), disse que as manifestações culturais devem ser usadas para sensibilizar as novas ge-

rações sobre a importância da liberdade e da democracia. “Os artistas, a intelectualidade, as universidades tiveram um papel fundamental na resistência à ditadura militar ao exaltar o sentimento de luta pela liberdade, ao levantar alto a bandeira contra a censura.”

Livro - Também foi lançado ontem, pelas Edições Câmara, o “Perfil Parlamentar de Rubens Paiva”, de autoria do jornalista e tradutor Jason Tércio. O livro retrata a experiência parlamentar de Paiva, nem sempre destacada nas pesquisas sobre sua história. Dois fatores parecem decisivos para isso: o curto período de mandato, de fevereiro de 1963 à suspensão dos direitos políticos em abril de 1964, e o lugar de destaque na memória coletiva nacional que se deu com seu desaparecimento em 1971, desviando-se, com isso, a atenção de outras dimensões de sua trajetória.

Zeca Ribeiro